

ENTREVISTA Cristiane Sobrinho, antropóloga

‘FESTA DE IEMANJÁ LEVA AO ESPAÇO PÚBLICO O QUE ANTES ERA ESCONDIDO’

DIVO ARAÚJO

Hoje, 2 de fevereiro, Salvador acorda voltada para o mar — mas a força dessa celebração começou muito antes de ganhar as ruas e as águas da cidade. No dia dedicado a Iemanjá, a doutora em Antropologia Cristiane Sobrinho conta, em entrevista ao A TARDE, como a tradição nasceu entre pescadores negros e se transformou em um dos maiores símbolos culturais da capital baiana. “Os pescadores são os precursores da festa — não existe dúvida sobre isso”, afirma.

Pesquisadora responsável pelo dossiê que garantiu o reconhecimento da festa como patrimônio cultural e imaterial de Salvador, Cristiane diz que a dimensão atual do evento é resultado de resistência histórica. Para ela, o tombamento ajuda a assegurar o futuro da celebração como um processo de afirmação do povo preto.

Na conversa, ela explica ainda como a festa sobreviveu ao preconceito e às tentativas de deslegitimação, consolidando-se como espaço de fé e identidade. “É uma festa que projeta esse orixá para todo o país, que faz as pessoas terem orgulho”, diz. Saiba mais na entrevista a seguir.

Para começar, gostaria de falar sobre a origem da festa de Iemanjá e entender por que, hoje, ela é a única celebração do calendário dedicada integralmente a um orixá, sem traços do cristianismo.

Nós não só na Bahia, mas em todos os locais onde existiu a diáspora, diversos cultos foram trazidos do continente africano. Entre eles, existe o culto a Iemanjá, que é uma orixá que veio originalmente de uma região chamada Ibadan, na Nigéria. A partir das disputas étnicas, esse culto vai ser transportado para Abeokuta e disseminado entre outros povos que vão interagindo com essas populações que fazem a migração. Hoje, na África, esse culto se dá dentro de alguns espaços, onde anualmente existem as festas. Existem os calendários festivos comandados pelos sacerdotes. É um culto de rua e a população participa ativamente. Em Abeokuta, ele é um culto de rio. Mas também existem os cultos das casas e das famílias que vieram, que são descendentes desses povos, e que hoje seguem cultuando essa orixá. Na travessia do Atlântico, esses seres humanos pediam a Iemanjá bênçãos e, no caso de morrer, para que sua alma pudesse retornar à África. Preciso lembrar que as águas, para diversos povos, são espaços muito sacralizados. Para alguns povos africanos, por exemplo para os povos do Benin, não é normal você entrar no mar de forma lúdica, como lazer. Os espaços de mar, de rio, vão ser utilizados em momentos rituais. Ou por pessoas daquelas comunidades que tenham esse poder e licença para adentrar os espaços.

Mas, na Bahia, a festa de Iemanjá teve origem de forma sincrética?

Nós estamos falando de pescadores negros, pouco mais de 30 anos depois que acaba a escravidão no papel no Brasil. São pessoas que têm toda uma



Denisse Salazar / Ag. A TARDE

RAIO-X

Cristiane Sobrinho é doutora em Antropologia, mestra em Estudos Étnicos e Africanos, graduada em Ciências Sociais e especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior. Lecionou como professora substituta do Departamento de Antropologia da Ufba, professora EAD da Unilab, professora da pós-graduação em Direitos Humanos e Contemporaneidade (Sead/Ufba) e professora do ensino fundamental, médio e da EJA em Camaçari. Atua como consultora da Unesco e também como antropóloga no Projeto Quilombo Legal, que visa a regularização fundiária e ambiental de comunidades remanescentes quilombolas da Bahia.

ligação ancestral com os cultos do continente africano, mesmo que tenham passado por outros processos de evangelização e sejam ligados ao cristianismo. Os pescadores iniciam esse processo, não existe nenhuma dúvida. Tanto que a festa, que era a mais importante na época, era a festa de Nossa Senhora de Santana, que era grande. Era uma festa que durava quase um mês e que emendava com a festa do 2 de fevereiro e como Carnaval de Salvador.

Havia alguma ligação entre as duas festas?

A festa da Nossa Senhora de Santana é uma festa à parte. O bando anunciador já iniciava em dezembro os festejos da Nossa Senhora de Santana, e como disse era uma festa muito grande. O Rio Vermelho era formado por várias fazendas, sítios, as famílias mais abastadas tinham as casas de veraneio. Mas existiam também as casas daquelas pessoas que tinham recentemente saído da escravidão. Segundo relatos de todos os jornais da época, inclusive do Jornal A TARDE, os pescadores relatando as mesmas histórias. Então, não tem como essa festa ter surgido de outro espaço.

Isso no início do século XX?

Alguns colocam em 1924, outros em 1923. As reportagens do próprio Jornal A TARDE, na década de 30, já falavam da festa da Mãe D’água. Existiam alguns relatos como se fosse um

local de balbúrdias, de agitações. Mas que os pescadores são os precursores não existe dúvida. Nesse primeiro momento eles escolhem como a data da festa, o Dia de Nossa Senhora das Can-deias, que é o dia 2 de fevereiro. Aí eles rezam uma missa para Nossa Senhora pela manhã, e à tarde vão para o mar dar o presente da Mãe D’água.

A resistência a tudo que diz respeito à religião de matriz africana existe de uma forma geral carregada pelo racismo

As águas, para diversos povos, são espaços muito sacralizados. Para alguns povos africanos, não é normal você entrar no mar de forma lúdica

inteiro pela Marinha. A colônia do Rio Vermelho é a Z1, é a primeira colônia instituída em Salvador.

A partir do momento em que a festa passou a ser exclusivamente ligada às religiões de matriz africana, ela passou a enfrentar muita resistência das elites?

A resistência a tudo que diz respeito à religião de matriz africana existe de uma forma geral carregada pelo racismo e está presente em todas as instâncias da vida da população negra no país. E, no primeiro momento, também não se desejava que os brancos participassem desse processo. Os brancos já participavam da festa de Santana. As filhas das famílias abastadas eram as misses da Festa de Santana. Portanto, eram duas festas separadas — e uma festa era para o povo preto, o povo que sofria.

Então, havia uma resistência também do povo preto?

Não era uma resistência. Era um processo de afirmação. Eles ficavam mais à vontade, já que sofriam o preconceito de participar da festa de Santana. Naquele espaço eles eram acolhidos. E era um espaço que tinha samba, que tinha bebida. Porque no candomblé não existe nenhum tipo de contradição entre alegria, festividade e culto. Tudo anda muito junto. Com o tempo, a festa foi crescendo tanto que a Festa de Santana foi perdendo espaço. E a festa de Iemanjá foi tomando essa dimensão.

Qual foi a importância de personalidades como Jorge Amado e Caymmi para a popularização da festa de Iemanjá?

Não acho que em relação à festa de Iemanjá eles tenham tido um papel muito relevante. É relevante quando Jorge Amado escreve, e Caymmi canta, e o culto de Iemanjá é passado para o mundo. Mas não necessariamente a festa de Iemanjá é feita no Rio Vermelho. Se a gente

vai para o livro Mar Morto, de Jorge Amado, vai ver a grande importância. Ele fala de Iemanjá o tempo inteiro. Fala da ligação de Guma com Iemanjá, fala dos pescadores, da questão de morrer no mar, da Mãe D’água. Ele traz Iemanjá de forma brilhante e o mundo todo entra em contato com aquela entidade. Mas não necessariamente a festa do Rio Vermelho. Inclusive, ele fala muito mais dos presentes que são ofertados no Monte Serrat.

O culto a Iemanjá também existia em Monte Serrat e na Pituba. Por que a festa do Rio Vermelho foi a que prevaleceu?

Na verdade, o culto as águas existe em todos lugares onde têm descendentes de africanos. É o culto às águas. Seja para Iemanjá, seja para Mami Wata, são várias entidades ligadas às águas. Eu acredito que prevaleceu no Rio Vermelho por causa da força da Colônia de pesca Z-1. Você vê que hoje as duas festas que continuaram foram justamente onde existem fortes colônias de pescadores. Que é a festa de Itapuã, onde a colônia de pescadores está à frente, e a colônia do Rio Vermelho. Porque, independente do que aconteça, essas colônias estão ali fazendo a festa.

O ponto alto da festa é a entrega do balaio principal. Qual é a importância dos rituais envolvidos nesse momento?

Tudo que tem fundamento na religiosidade de matriz africana, não acontece em um único momento. Para o balaio chegar até o Rio Vermelho muita coisa acontece antes. Existem os fundamentos que têm a ver com a religiosidade de matriz africana, os fundamentos do candomblé, as barracas de umbanda, que também ficam na área da praia. Existem rituais anteriores. No dia, o barracão vai ser armado pelos pescadores. Hoje, diversas partes do país instituem o 2 de fevereiro como o dia de Iemanjá. Aí a gente entra na história do professor que, no ano passado, classificou a festa como uma patifaria. Que não existe dia de Iemanjá, dia do orixá. Que aquilo ali era um espaço de bebidas.

Como você avalia essas declarações?

É uma falta de visão do que é um patrimônio. Independente do que eu acredito, do que você acredita, do que determinados grupos acreditam, um patrimônio é algo importante para a coesão de determinado grupo. Ele tem uma importância religiosa, uma importância cultural, aglutina pessoas historicamente. E, com o passar dos anos, aquele patrimônio não morre porque aquelas pessoas vão mantendo. Um patrimônio cultural material e imaterial é construído a partir da importância e dos significados que aquele elemento ou aquela festa ou aquele bem material vai ter para a manutenção daqueles grupos. Então, não importa como começou a festa. Não importa se foi em 1923, se foi em 1924. O que importa é o significado que aquela festa tem para aquelas pessoas.